

CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS E ROTEIROS PERFORMÁTICOS DE GÊNERO: possibilidades de re-existência à ofensiva antigênero

CONTEMPORARY FAIRY TALES AND GENDER PERFORMATIVE SCRIPTS: possibilities of re-existence to the anti-gender offensive

Maria Beatriz de Freitas Vasconcelos¹

Paula Myrrha Ferreira Lança²

Maria Carolina da Silva Caldeira³

Shirlei Rezende Sales⁴

Resumo: Este artigo analisa dois contos de fadas contemporâneos com o objetivo de problematizar as prescrições de feminilidades presentes nos contos de fadas clássicos e nos discursos reacionários que circulam na atualidade. Argumentamos, a partir do conceito de performatividade de Judith Butler que, por um lado, a ofensiva antigênero prescreve que a mulher deve ser princesa e coloca em circulação um discurso reacionário que produz modos autorizados de se performar feminilidades, em conformidade com os contos de fadas tradicionais. Por outro lado, como forma de resistência e re-existência ao discurso reacionário, alguns contos de fadas contemporâneos produzem outros modos de ser princesa, ao tensionarem normas de gênero e acionarem o discurso multicultural. Com base nas contribuições dos estudos culturais, o estudo se fundamentou na concepção de que o currículo é cultural, ou seja, é um discurso que produz, autoriza, cria saberes e se desdobra em diferentes pedagogias. Nesse sentido, as narrativas dos contos de fadas, bastante presentes no currículo endereçado a crianças, compõem um certo roteiro com relação às aprendizagens de gênero, ao ensinarem, há muito, normas para meninas e meninos. No entanto, elas também podem ser potentes instrumentos para problematizar essas mesmas normas, conforme mostra a análise dos dois contos elencados neste artigo, nos quais foi possível identificar a reivindicação de outros “atos performáticos de gênero” (BUTLER, 2019). A trajetória metodológica se deu por meio de elementos da análise de discurso de inspiração foucaultiana e mostrou que as narrativas fabricam modos outros de apresentar os comportamentos da princesa e pluralidade na caracterização dos corpos das personagens.

Palavras-chave: Contos de fadas. Currículo. Gênero. Ofensiva antigênero. Resistência.

Abstract: This article analyzes two contemporary tales in order to problematize the prescription of femininities produced by the traditional fairy tales and by the reactionary discourse. We argue, based on the concept of gender performativity thought by Judith Butler, that on one hand the anti-gender offensive prescribes that women need to be princesses and it spreads a reactionary discourse that produces authorized ways of performing femininities according to the traditional fairy tales. On the other hand, some contemporary fairy tales resist and re-exist to the reactionary discourse and gender norms and use the multicultural discourse to produce princesses that perform in different ways. Based on the cultural studies, we understand that the curriculum is cultural and it is a discourse that produces, authorizes and creates knowledge. It unfolds itself into different pedagogies. In this sense, the narratives of the fairy tales that commonly take place in the curriculum addressed to children compose a certain script regarding the learning of gender norms. They teach norms to girls and boys, prescribing normal femininities and

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, pós-graduada em Educação Infantil pela Universidade do Estado de Minas Gerais, pós-graduada em Práticas de Letramento e Alfabetização pela Universidade Federal de São João Del Rey. E-mail: mariabeatrizrn@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7509-6420>.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduada em Pedagogia pela UFMG. E-mail: paulamyrrha27@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6953-222X>.

³ Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Doutora em Educação pela UFMG. E-mail: mariacarolinasilva@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0668-1989>.

⁴ Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Pós doutora pela University of Illinois at Urbana-Champaign, USA, Doutora em educação pela UFMG. E-mail: shirlei.sales@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4446-9508>.

masculinities. However, they can also problematize those norms. In the analyzed stories it was possible to observe other gender performative scripts (BUTLER, 2019). The research methodology was constructed with elements of the discourse analysis based on Foucault and the results showed that the narratives produce other ways of presenting the princess' behavior and plurality on the characterization of the characters' bodies.

Keywords: Fairy tales. Curriculum. Gender. Anti-gender offensive. Resistance.

Resumen: Este artículo analiza dos cuentos de hadas contemporáneos para problematizar las prescripciones de las feminidades presentes en los cuentos de hadas clásicos y en los discursos reaccionarios que circulan actualmente. Argumentamos, partiendo del concepto de performatividad de Judith Butler, que, por un lado, la ofensiva anti-género prescribe que las mujeres deben ser princesas y pone en circulación un discurso reaccionario que produce formas autorizadas de realizar feminidades, de acuerdo con los cuentos de hadas tradicionales. Por otro lado, como forma de resistencia y re-existencia al discurso reaccionario, algunos cuentos de hadas contemporáneos producen otras formas de ser princesa, al tensar las normas de género y desencadenar discursos multiculturales. A partir de los aportes de los estudios culturales, el estudio se basó en el concepto de que el currículo es cultural, es decir, es un discurso que produce, autoriza, crea conocimiento y se despliega en distintas pedagogías. En este sentido, las narrativas de los cuentos de hadas, muy presentes en el currículo dirigido a los niños, componen un determinado guión con respecto al aprendizaje de género, ya que han enseñado, durante mucho tiempo, normas para niñas y niños. Sin embargo, también pueden ser instrumentos poderosos para problematizar estas mismas normas, como muestra el análisis de las historias enumeradas en este artículo, en las que se pudo identificar el reclamo de otros "actos de performance de género" (BUTLER, 2019). La trayectoria metodológica se desarrolló a través de elementos de análisis del discurso de inspiración foucaultiana y mostró que las narrativas fabrican otras formas de presentar el comportamiento y la pluralidad de la princesa en la caracterización de los cuerpos de los personajes.

Palabras clave: Cuentos de hadas. Plan de estudios. Género. Ofensiva anti-género. Resistencia.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um cenário preocupante com a disseminação de ditos que afirmam a existência de uma suposta "ideologia de gênero" sendo ensinada para as crianças e jovens. Presenciamos, inclusive, declarações de ocupantes de altos cargos no Governo Federal nesse sentido. Jair Bolsonaro (sem partido), atual presidente da República, por exemplo, disse em sua cerimônia de posse que iria enfrentar a "ideologização" das crianças que visa destruir a família⁵. Outros exemplos são o do Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (Partido Social Liberal - PSL), que disse que as/os⁶ estudantes de Ensino Médio não precisam "saber sobre feminismo"⁷, e a fala da Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damara Alves (Partido Progressista), que reforçou que meninos devem vestir azul e meninas, rosa, explicando que isso foi uma "metáfora" para fazer uma contraposição ao que ela chama de "ideologia de gênero"⁸.

Isso parece se agravar, quando o Ministério da Educação, por meio do Conselho Nacional de Educação, publica a última versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁹ negligenciando¹⁰ as expressões "gênero" e "orientação sexual", que foram retiradas do documento para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental. No documento para o Ensino Médio, gênero é um assunto tratado de maneira bastante reduzida em relação às versões anteriores, conforme nos mostra a pesquisa de Carolina

⁵ Vídeo da cerimônia de posse do atual presidente disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/videos/v/jair-bolsonaro-discursa-no-palacio-do-planalto/7269542/>. Acesso em: 17 mar. 2019.

⁶ Guacira Louro (2003) afirma que a linguagem não possui apenas a função de comunicação, mas também forma sujeitos, constitui o pensamento. Assim, ela problematiza o emprego de palavras de gênero masculino para se referir a mulheres e homens e propõe que subvertamos essa lógica. Por isso, aqui se faz o uso da linguagem não sexista, adotando o uso de palavras primeiramente no feminino e depois no masculino.

⁷ Declaração publicada pelo Deputado em uma das suas redes sociais. Disponível em: <https://twitter.com/bolsonarosp/status/1081555203227303938>. Acesso em: 17 mar. 2019.

⁸ Vídeo da Ministra Damara Alves contendo essa declaração. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damara-shtml>. Acesso em: 02 jul. 2020.

⁹ Base Nacional Comum Curricular - BNCC - Currículo nacional obrigatório que normatiza a construção curricular de todas as escolas de educação básica no Brasil.

¹⁰ Isso pode ser visto na manchete: "CNE retira gênero e orientação sexual da Base Curricular". Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/cne-retira-genero-orientacao-sexual-da-base-curricular-22179063>> Acesso em 06 maio 2019.

Giovanetti (2020). De acordo com Elizabeth Macedo (2018), a supressão de diversas discussões no documento final, discussões essas que estavam presentes ainda que de maneira tímida nas versões anteriores, como “questões de gênero e sexualidade” (p. 2), se deu em meio à pressão da organização Escola Sem Partido (ESP), aliada a outros grupos neoliberais e fundamentalistas religiosos. No processo de elaboração da versão final, o ESP já havia ganhado bastante força no cenário nacional, e divulgava com veemência que na BNCC não se devia falar em direitos, e sim se listar de maneira supostamente neutra “o que deve ser ensinado na escola” (MACEDO, 2017, p. 515), reivindicando a retirada de temas que considera como ideológicos, tais como a tão combatida “ideologia de gênero” (MACEDO, 2017).

A esse combate que se faz atualmente aos temas gênero e sexualidade, Rogério Junqueira¹¹ (2018) nomeia como retórica reacionária antigênero, ou ofensiva antigênero. Essa ofensiva envolve, dentre outros, grupos religiosos, associações pró-família, movimentos e partidos de direita e extrema-direita, que usam o sintagma “ideologia de gênero” para se referir aos estudos sobre gênero. Essa expressão é estratégica, porque, ao se considerar esses estudos como ideológicos, promove-se sua desqualificação com o esvaziamento de seu caráter científico, como nos adverte Marlucy Paraíso (2019), e, ainda, o estabelecimento de um pânico moral em torno deles, como argumenta Fernando Balieiro (2018). Isso se dá a fim de que se exclua qualquer discussão sobre gênero em diversas instâncias sociais e artefatos culturais, especialmente quando se diz respeito à formação de crianças (BALIEIRO, 2018).

Esse contexto nos inquieta e nos convida a “[...] lutarmos por currículos que considerem as relações de gênero e sexualidade temas de grande importância” (PARAÍSO, 2018, p. 24). Mostra-nos também que uma norma de gênero binária ainda é bastante acionada quando se trata da formação de crianças. Guacira Louro (2013) afirma que “[...] uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Assim, mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade [...]” (p. 45), a lógica que impera ainda é a binária.

Nesse sentido, as narrativas dos contos de fadas, tão presentes no currículo endereçado a crianças, compõem um certo roteiro com relação às aprendizagens generificadas. Elas ensinam, há muito, normas para meninas e meninos, prescrevendo, assim, a heteronormatividade. Essa norma tem como matriz a heterossexualidade e estabelece que “[...] nascer com um sexo implica viver certas características de um gênero e voltar o seu desejo sexual para pessoas de outro sexo” (CALDEIRA, 2016, p. 183). Para Judith Butler (2018), a produção da heterossexualidade como natural “exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino se diferencia do feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual” (p. 53). No entanto, apesar de os contos de fadas historicamente se constituírem como artefatos que reiteram as normas de gênero, também podem ser potentes instrumentos para problematizar essas mesmas normas. Essa problematização pôde ser percebida nos recontos *A pior princesa do mundo*, de Anna Kemp, ilustrado por Lorena Giostrini (KEMP, 2019) e *A revolução da Rapunzel*, de Teca Machado, ilustrado por Sara Ogilvie (MACHADO, 2018).

Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar a forma como essas duas narrativas retratam a clássica princesa Rapunzel de um modo diferente dos contos tradicionais tendo em vista a categoria gênero. Os dois livros resistem a algumas normas de gênero prescritas para o feminino e revelam certa monotonia em relação ao masculino na figura do príncipe. No decurso da história original da Rapunzel, a princesa é apresentada como aquela que se preocupa com a aparência, é frágil e vive no espaço doméstico. Na contramão disso, nos dois recontos contemporâneos que aqui analisamos, a princesa mostra-se despreocupada com a aparência, manifesta coragem e busca por independência e ocupação do espaço público.

Esses dois livros intitulam-se como contemporâneos e são assim compreendidos a partir da concepção de que “[...] a contemporaneidade surge em meio a novos valores, porém não abandona totalmente os antigos. Estes aparecem revistos em uma relação de intertextualidade” (JUVINO, 2010 p.

¹¹Neste artigo, quando uma/um autora/or aparecer como referência pela primeira vez, colocaremos o seu primeiro nome junto ao sobrenome. Isso faz parte de uma tentativa de dar visibilidade às mulheres na produção científica, já que quando lemos apenas o sobrenome em uma referência temos a tendência a imaginar que um homem é o autor.

14). Dessa maneira, os contos de fadas recebem novos arranjos e passam a problematizar a realidade que tradicionalmente representaram. Esse cenário é atravessado pelo discurso multicultural que problematiza as narrativas para crianças e autoriza a inserção de outras verdades, contestando o que é dito prevalentemente uma vez que “[...] a literatura infantil, durante muito tempo insistiu em um discurso monológico não preocupado com o desafio da diferença” (FREITAS, 2014, p. 50). Observa-se que os contos de fadas, tradicionalmente, se mostram pouco multiculturais. Somente a partir das lutas de diferentes movimentos sociais tem-se procurado incorporar outras verdades a esse artefato cultural. À vista disso, em ambas as histórias analisadas neste artigo, é possível perceber a reivindicação de outros “atos performáticos de gênero” (BUTLER, 2019) em relação aos roteiros vividos pela princesa.

Gênero aqui é compreendido a partir do conceito de performatividade de Judith Butler e refere-se a significantes culturais “[...] assumido[s] pelos corpos atribuídos de sexo, [...] significante[s] [...] codeterminado[s] por diferentes atos e suas percepções culturais” (BUTLER, 2019, p. 219). Ou seja, a partir dos significantes disponibilizados na cultura, o corpo torna-se “[...] uma materialidade que carrega, pelo menos, certos significados e esse carregar é fundamentalmente dramático, [...] [uma vez que as] pessoas não são seus corpos, mas fazem seus corpos” (BUTLER, 2019, p. 216). Isto é, ao mesmo tempo em que materializa aquilo que é prescrito culturalmente, o corpo produz modos de se viver o gênero, por meio dos atos performativos, que são repetidos para que sejam reiterados (BUTLER, 2019). De acordo com Sara Salih (2018, p. 94), inspirada por Butler, já que gênero é constituído por “[...] uma sequência de atos repetidos [...], então será possível repetir nosso gênero diferentemente”. Assim, ao mesmo tempo em que gênero é uma construção social e cultural que regula sujeitos, ele também pode ser o mecanismo “[...] através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados” (BUTLER, 2014, p. 253).

Tendo em vista tais conceitos, argumentamos que, por um lado, a ofensiva antigênero prescreve que a mulher deve ser princesa e coloca em circulação um discurso reacionário que produz modos autorizados de se performar o gênero em conformidade com os contos de fadas tradicionais. Por outro lado, como forma de resistência, alguns contos de fadas contemporâneos tensionam as normas de gênero e acionam o discurso multicultural para re-existirem ao discurso reacionário ao produzirem modos outros de ser princesa. Isso se dá a partir de *modos outros de apresentar os comportamentos da personagem princesa* e da *pluralidade na caracterização dos corpos das personagens*, duas categorias que elencamos para a análise dos contos.

A resistência para Paraíso (2016), inspirada em Michel Foucault e Gilles Deleuze, é o “[...] movimento através do qual uma pessoa, um grupo, um povo ou uma multidão diz: chega!” (p. 389). Segundo a autora, a partir disso, cria-se “[...] um re-existir, ou seja, um existir de um outro modo” (p. 389). Nessa mesma direção, para Renata Aspís, resistir é, na verdade, re-existir, sendo criação, a partir da insistência em existir, em afirmar a vida ao se criar novos possíveis (ASPÍS, 2017). Desse modo, neste artigo utilizamos o conceito de resistência para dizer da contestação às normas de gênero. O conceito de re-existência, por sua vez, será utilizado para se referir à criação de outros possíveis, de outros modos de se performar o gênero, a partir dessa contestação.

Sendo assim, a seguir, apresentamos a metodologia que utilizamos, a análise do discurso de inspiração foucaultiana. Em seguida, explicamos o modo como compreendemos a literatura, em sua relação com gênero, como currículo que “[...] ensina, educa e produz sujeitos, que está em muitos espaços desdobrando-se em diferentes pedagogias” (PARAÍSO, 2010, p. 11), inspirada nas ideias dos estudos culturais. Na sequência, analisamos como a ofensiva antigênero aciona o discurso reacionário e prescreve modos autorizados de ser menina e mulher de acordo com um tipo de princesa, aquela produzida nos contos de fadas tradicionais. Por fim, analisamos os dois contos contemporâneos, que criam outros modos de se performar o gênero, a partir da fabricação de outras possibilidades de ser princesa.

2 METODOLOGIA: análise do discurso de inspiração foucaultiana

Neste artigo, compreende-se que nossa empiria não está dada, pronta, mas que as coisas são produzidas a partir da forma como as significamos, como explica Tomaz Tadeu da Silva (2005). Assim, o objeto de pesquisa é sempre significado a partir do olhar, nunca neutro, da/o investigadora/or. Além disso, destacamos que as contribuições dos estudos feministas possibilitaram a renovação de

metodologias e procedimentos de pesquisa, a criação de novas estratégias e valorização de outras fontes documentais, permitindo “[...] uma linguagem mais subjetiva e pessoal” (LOURO, 2003, p. 148).

Desse modo, os significados que produzimos sobre os livros de literatura partem de um olhar específico. Por isso, já que os resultados de pesquisa que produzimos são apenas algumas das muitas possibilidades de análise, nossos resultados sempre disputam sentido “[...] com outros discursos divulgados em outros espaços, por outras pessoas, em diferentes meios” (PARAÍSO, 2014, p. 30). Isso, longe de significar uma falta de cientificidade, evidencia o fato de que a leitura que fazemos de nosso objeto de pesquisa é sempre criação, a partir das formulações teóricas que acionamos, com rigor, para analisá-lo (PARAÍSO, 2014).

Dessa maneira, a metodologia acionada para a produção deste artigo se deu por meio do olhar teórico-metodológico da análise do discurso de inspiração foucaultiana. Na perspectiva de Michel Foucault (1996), discursos são analisados buscando compreender não o que seria uma suposta verdade sobre o objeto que pesquisamos, mas sim as condições pelas quais algo está (ou não) dito, condições essas que sempre partem de disputas, jogos de poder. Na análise foucaultiana problematiza-se a linguagem. Por isso, para analisarmos os contos contemporâneos aqui elencados, buscamos identificar quais discursos são acionados ali com relação a performatividades de gênero e, ainda, problematizar os porquês de algo estar dito ou não nas narrativas. Isso, não numa tentativa de desvelar supostos significados ou verdades ocultas, mas sim de analisar, na superfície de nosso objeto de pesquisa, as condições de aparecimento de certos discursos, tendo em vista que isso sempre se dá a partir de disputas. Assim, foi possível perceber que o discurso multicultural é elencado nas histórias, disputando sentidos sobre feminilidades com o discurso reacionário e também com os contos tradicionais.

Junto a isso, nessa metodologia, busca-se também entender como os discursos funcionam, compreendendo que eles são práticas produtivas (FOUCAULT, 1996), que “[...] fabrica[m] verdades, saberes, [...] subjetividades”, como explica Shirlei Sales (2014, p. 125-126), com base em Foucault. Tendo isso em vista, ao analisarmos os discursos em sua produtividade, entendemos que eles não são apenas produtos da cultura, mas também produtores de sentidos para o mundo. Assim, buscamos compreender o que é fabricado nas narrativas analisadas, isto é, quais verdades, saberes, modos de existência, dão sentidos para feminilidades e masculinidades e são produzidos neles.

Para a seleção das obras que seriam analisadas, buscamos, como primeiro critério, narrativas que produzissem significados diferentes de feminilidades daqueles dos contos de fadas tradicionais por meio da figura da princesa. Para isso, fizemos uma busca de recontos contemporâneos na internet. Em seguida, fizemos a leitura dos anúncios e sinopses dos livros encontrados e selecionamos as obras que se apresentam como narrativas que escapam do convencional e que retratam princesas ávidas por aventura e liberdade. Como segundo critério, selecionamos alguns recontos que fizessem a releitura de um mesmo conto de fada tradicional. A partir disso, optamos por analisar duas histórias publicadas como recontos da história “Rapunzel”.

Tendo feito a seleção das obras, analisamos os contos a partir de elementos da análise do discurso de inspiração foucaultiana, articulando-os a diferentes discursos que circulam na contemporaneidade no que se refere a gênero. Para isso, inicialmente, realizamos uma primeira leitura das histórias e, em seguida, fizemos um mapeamento das resistências encontradas nos ditos às prescrições de feminilidades que predominam nos contos tradicionais. Após esse mapeamento, verificamos quais discursos foram acionados nesses ditos e percebemos a predominância de um discurso multicultural. Por fim, analisamos os ditos procurando compreender a sua produtividade, isto é, aquilo que eles produzem em termos de gênero. Assim, fizemos a análise de quais feminilidades são produzidas e autorizadas nos contos e elencamos suas principais marcas.

3 CURRÍCULO CULTURAL, LITERATURA INFANTIL E A PRODUÇÃO DE VERDADES SOBRE GÊNERO

Os livros dos contos de fadas são concebidos neste artigo como currículo cultural, uma vez que produzem significados na cultura. Desse modo, suas histórias divulgam discursos que atuam na produção de nossos corpos, atitudes e jeitos de viver o gênero em sociedade. Ao problematizar as relações de

gênero e a literatura como currículo cultural, este estudo afina-se com as investigações dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero. Os dois campos são atravessados “[...] por esse conceito de pedagogia cultural[e] possibilitam-nos olhar para além da escola e entender que não é somente em seu interior que se produz educação” (BECK; GUIZZO, 2013, p. 176). Ambos têm, também, como propósito abordar “[...] o contexto, a complexidade, a política de representação, as diferentes práticas culturais e suas interfaces” (PARAÍSO, 2004, p.55). Neste trabalho partimos da análise da cultura “[...] em sua diversidade, assim como em sua singularidade”, como sugere Daniela Freitas (2014, p. 68) para salientar que o currículo é produzido e criado por significados sociais em uma política cultural (GIROUX, 2013; SILVA, 2005).

Após a década de 1990, os estudos acerca das pedagogias culturais se expandiram sob a influência das ideias do pós-modernismo e abarcaram os estudos dos mais variados tipos de artefatos (PARAÍSO, 2004, p. 55). Na direção de que “[...] o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural” (SILVA, 2005, p. 139), esses estudos problematizam os discursos e as vivências culturais e consideram que participamos de uma cultura que, por meio de “[...] diferentes artefatos[,] ensina às pessoas uma infinidade de práticas, comportamentos, sonhos e desejos” (PARAÍSO, 2004, p. 60), que se constituem como currículo. O currículo é, portanto, segundo Sandra Corazza, um discurso que produz, autoriza e constrói certas verdades, cria saberes e sujeitos específicos (2001). Para Sales, ele “[...] é visto em seus processos de fabricação, criação, produção e divulgação de conhecimentos e verdades” (2010, p. 39).

Assim é com a literatura infantil, que aqui compreendemos como currículo, já que, ao resgatar seu processo histórico de produção, podemos verificar como ela sempre se constituiu como um importante artefato cultural na fabricação de verdades, haja vista a trajetória de criação dos contos de fadas para as crianças. Segundo Robert Darnton (1986), Charles Perrault, no final do século XVII, foi quem recolheu histórias “[...] da tradição oral do povo (sua principal fonte, provavelmente era a babá de seu filho)” (DARNTON, 1986, p. 24), as editou para retirar trechos que passaram a ser proibidos, como aqueles que tinham conteúdos de incesto, por exemplo, e publicou os contos com teor moralista. Essa edição e seleção, como produtora de verdades, configurou, conseqüentemente, um discurso acerca da literatura infantil.

Ao editar esses contos, Charles Perrault controlou e selecionou a informação que seria comunicada acerca desses contos. De acordo com Darnton (1986) as histórias que se contavam na França, no século XVIII, apresentavam “[...] um mundo de brutalidade nua e crua” (DARNTON, 1986, p. 29), “[...] do estupro e da sodomia ao incesto e ao canibalismo” (*Loc. cit.*). No entanto, não foram essas as versões recontadas por Charles Perrault e, posteriormente, pelos irmãos Grimm. Os três escritores da época selecionaram e editaram as histórias conforme os discursos de invenção da infância que circulavam naquela sociedade.

Segundo Foucault (1996), a produção dos discursos está associada a uma rede de relações que é “[...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9). Charles Perrault parece ter operado desse modo, pois recontou diversas narrativas alterando o conteúdo original. Dessa maneira, percebemos que a literatura infantil foi produzida atrelada às produções discursivas e, na contemporaneidade, como artefato cultural, é marcada por jogos de linguagem, segundo Maria Carolina Caldeira (2016).

Assim, a literatura infantil, sempre permeada por discursos que produzem verdades específicas, constitui-se como currículo cultural. Os contos de fadas, desse modo, produzem verdades sobre o gênero, ensinando padrões generificados, com binarismos que fabricam um tipo de feminino e masculino, excluindo outros modos de existência. Segundo Butler (2019), as normas binárias de gênero produzem masculinidades e feminilidades divulgadas como naturais, atemporais. Comportamentos de meninas e meninos, mulheres e homens são concebidos, discursivamente, como reflexo de uma suposta essência natural e não de uma construção cultural.

Neste artigo, no entanto, compreendemos a literatura infantil como sendo mais do que (re)produtora de normas binárias, mas como currículo produtor de roteiros performáticos de gênero. Como produtor de verdades o currículo também se faz “[...] território de escapes de todos os tipos” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p.14). O currículo, fabricando formas autorizadas de se viver masculinidades

e feminilidades, também pode ser espaço para novas composições, para a criação de possibilidades outras de se performar o gênero (LOURO, 2018). Ele também pode fazer resistir. Desse modo, elucidamos a seguir a discursividade colocada em circulação na ofensiva antigênero para posteriormente apontar algumas possibilidades de sua contestação por meio dos contos analisados.

4 OFENSIVA ANTIGÊNERO, DISCURSO REACIONÁRIO E A PRODUÇÃO DE MODOS AUTORIZADOS DE SE PERFORMAR O GÊNERO

Sendo o currículo um objeto de disputas, muitos são os grupos que desejam controlá-lo. Nesse sentido, temos observado diversas tentativas de censura aos mais variados artefatos culturais por meio da ofensiva antigênero, que visa interromper discussões sobre gênero e sexualidade nos currículos, inclusive nos currículos culturais, como é o caso da literatura. Evidência disso é o episódio recente na Bienal do Livro no Rio de Janeiro, em que o prefeito Marcelo Crivella (Republicanos) ordenou que fossem recolhidos exemplares de uma revista em quadrinhos, devido à imagem de um beijo entre os dois personagens masculinos¹². O ocorrido compõe as estratégias de poder para cerceamento à liberdade de circulação de obras que apresentam uma resistência à norma heterossexual, por meio de uma discursividade específica.

Denominamos o discurso que a ofensiva antigênero coloca em circulação como reacionário. De acordo com Durval Albuquerque (2018), o termo “reacionário” é utilizado hoje para nomear aquelas pessoas que defendem um imobilismo social e que acreditam que a ordem social na qual se ancoram deve se perpetuar. Por isso, ao se depararem com a ideia de diferentes formas de vida em sociedade, reagem de modo a contestá-las. De modo semelhante, Fernando Penna (2018) também nomeia os ditos colocados em circulação pelo programa Escola Sem Partido¹³ como fazendo parte de um discurso reacionário. Segundo o autor, esse discurso caracteriza-se por “[...] uma reação aos avanços que o Brasil experimentou nas últimas décadas em suas políticas públicas educacionais” (PENNA, 2018, p. 112), e seu maior foco atualmente é o ataque às pautas que se referem a gênero e sexualidade¹⁴ (PENNA, 2018).

Compreendemos que, ao invalidar os estudos sobre gênero e se opor a avanços no que diz respeito à igualdade de gênero e aos direitos de grupos LGBTI+¹⁵, o discurso reacionário não só impede tais avanços, mas também acaba por difundir e prescrever a heteronormatividade. Isso se dá porque o discurso não apenas interdita o que não pode ser dito, mas também produz o que pode circular como verdade (FOUCAULT, 1996). Assim, a ofensiva antigênero, ao “[...] obstruir a adoção da perspectiva de equidade de gênero, [...] [fortalece] visões de mundo, valores, instituições e sistemas de crenças pautados em marcos morais, religiosos, intransigentes e autoritários” (JUNQUEIRA, 2018, p. 451). Desse modo, é necessário que a ordem social estabelecida invista “[...] para que suas assimetrias e arbitrariedades históricas e contingentes sejam apresentadas e percebidas como ordenamentos naturais para continuarem a ser impostas e perpetuadas como legítimas, necessárias, imutáveis ou inevitáveis” (JUNQUEIRA, 2018, p. 454).

Dessarte, no discurso reacionário, naturalizam-se normas binárias de gênero, isto é, modos autorizados de ser mulher e homem, a partir da ideia de que gênero seria definido pela biologia. Isso pode ser verificado, por exemplo, no Projeto de Lei nº 2.578/2020, de autoria do Deputado Federal Filipe Barros (PSL), que visa determinar legalmente que “[...] tanto o sexo biológico como as características sexuais primárias e cromossômicas definem o gênero do indivíduo no Brasil” (BRASIL, 2020). Desse modo, no discurso reacionário divulga-se que feminilidades e masculinidades são definidas biologicamente e, assim,

¹²Notícia veiculada acerca do episódio. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/fiscais-vaoo-a-bienal-do-livro-apos-criticas-de-crivella-a-beijo-gay-em-hq.shtml>. Acesso em: 06 maio 2020.

¹³Ivanderilson Silva (2018) e Luis Felipe Miguel (2016) apontam que o grupo “Escola sem partido” passou a ter papel de destaque no combate à suposta “ideologia de gênero” no campo da educação no Brasil.

¹⁴Apesar da ofensiva antigênero se opor a conquistas tanto no que diz respeito a gênero, quanto a sexualidade, nos limites deste artigo trabalharemos com questões relacionadas apenas à categoria gênero.

¹⁵Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexos e outras/os cujas formas de vida escapam aos padrões heteronormativos.

modos autorizados de ser mulher e homem são reiterados.

A figura da princesa dos contos de fadas tradicionais, nesse contexto, adquire papel de centralidade na prescrição de feminilidades, já que se diz que as mulheres e meninas devem se conduzir como princesas. De acordo com Constantina Xavier Filha (2011), “[...] características físicas e comportamentais desejáveis da subjetividade das princesas são condizentes com o que se espera das condutas femininas ensinadas social e culturalmente”. Nesse sentido, a ministra Damares Alves, que tem o combate à suposta “ideologia de gênero” como uma de suas principais pautas¹⁶, defende que “devemos tratar meninas como princesas e meninos como príncipes”¹⁷. Vemos também o surgimento de instituições como a “Escola de Princesas”¹⁸ que acionam o discurso reacionário e ensinam modos autorizados de ser menina e mulher. No site dessa instituição, se diz, logo na página inicial, que “todo sonho de menina é tornar-se uma princesa”¹⁹. Nesse contexto, atos performáticos de gênero são colocados em circulação pelo discurso reacionário e produzem modos autorizados de ser mulher com base no modelo da princesa dos clássicos contos de fadas, cujas algumas características destacaremos a seguir.

Em primeiro lugar, a menina princesa (re)produzida pelo discurso reacionário é marcada pela ocupação do espaço doméstico. Isso está em continuidade com a princesa produzida nos contos de fadas tradicionais, caracterizada por uma representação de feminilidade que se reserva ao espaço privado (XAVIER FILHA, 2011). No conto tradicional da Rapunzel, por exemplo, seu “felizes para sempre” é qualificado pela ocupação do espaço do castelo, seu novo lar. Em continuidade com essa prescrição, no site da Escola de Princesas, em que circula o discurso reacionário, está previsto como um dos grandes conjuntos de conteúdos a serem ensinados para as meninas o nomeado “O Castelo da Princesa”, em que são ensinadas a limpar o ambiente doméstico, costurar e cozinhar, dentre outras tarefas de cuidado com o lar e com a família.

Junto a isso quando, no discurso reacionário, alguns ditos são acionados para prescrever quais tipos de brincadeiras seriam autorizadas para meninas e para meninos, também se ensina que as mulheres devem ocupar o espaço doméstico, como pode ser observado na FIG 1.

Figura 1 - Manifestação contra Judith Butler.



Fonte: ROSA, 2017, on-line.

¹⁶Em entrevista à Folha de São Paulo, a ministra disse que faz esse combate de forma veemente, por meio de palestras e vídeos, por exemplo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/posso-ir-as-ruas-de-bracos-dados-com-feministas-por-salarios-iguais-diz-damares.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

¹⁷Declaração da Ministra disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/12/vamos-tratar-meninas-como-princesas-e-meninos-como-principes-diz-futura-ministra.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

¹⁸As chamadas “Escolas de princesas” já totalizam cinco franquias implantadas e em funcionamento no Brasil. A matriz foi inaugurada em Uberlândia - MG, em 2013, mas o empreendimento que divulga rentabilidade já conta com unidades em capitais como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Manaus e Cuiabá.

¹⁹Excerto extraído da página do empreendimento. Disponível em: <<http://escoladeprincesas.net/ws/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

A foto acima foi tirada em uma das manifestações contra Butler, em 2017. Por ocasião da passagem da filósofa pelo Brasil, grupos reacionários fizeram diversas manifestações de ódio, posicionando-se contra aquilo que denominam como “ideologia de gênero” e descrevendo-a como pedófila, bruxa e assassina de crianças (BALIEIRO, 2018). Na imagem, observa-se uma mulher segurando um cartaz que sugere que o sonho de Butler seria “destruir a identidade sexual dos seus filhos”. Essa “identidade”, tida como fixa e biológica, é prescrita pelas imagens que mostram um menino brincando de trenzinho e uma menina brincando de boneca, algo que não poderia ser subvertido, conforme o cartaz. Essa prescrição reitera o que é autorizado como feminilidade e masculinidade normal no discurso reacionário: para as meninas é atribuído o espaço privado, com o cuidado com filhos, e, para os meninos, o público, com o acesso aos meios de transporte que os permitem circular em diversos espaços.

Outra característica da menina princesa produzida pelo discurso reacionário colocado em circulação pela ofensiva antigênero e que está em continuidade com as normas de gênero produzidas nos contos de fadas tradicionais é o cuidado com a aparência. Nas narrativas contidas nesses contos, ensina-se às meninas que elas devem ter certos padrões de beleza, como o branco, magro e jovem (XAVIER FILHA, 2011). No conto tradicional da Rapunzel a característica mais importante da princesa na história são seus lindos e longos cabelos loiros, sempre cuidados e trançados. Esse cuidado com a aparência também pode ser visto no discurso reacionário. No currículo da Escola de Princesas, são previstas aulas de “estética”, com conteúdos como “importância da aparência pessoal”, “beleza - cabelo e maquiagem” e “moda - roupas e acessórios”²⁰, que se propõem a ensinar para as meninas que elas devem cuidar de sua aparência conforme padrões de beleza específicos.

A ministra Damares também prescreve o cuidado com a aparência como uma das características de mulheres, que devem ser “lindas”. Criticando feministas, ela disse que essas não gostam de homens porque “são feias e nós somos lindas”²¹. Assim, ela reitera que uma das características desejáveis para mulheres deve ser a beleza, sendo que a falta dela caracteriza aquela mulher que se desvia da norma: a feminista.

A terceira e última marca da feminilidade destacada neste artigo que é produzida pelo discurso reacionário e pelos contos de fadas tradicionais é a fragilidade e a submissão em relação ao príncipe. O objetivo de vida da princesa nesses contos é ser encontrada por um príncipe e casar-se com ele. Nas histórias, ela é representada como alguém que deve ser resgatada, sendo frágil e dependente de um homem para livrá-la de perigos (XAVIER FILHA, 2011). Isso pode ser visto na história tradicional da Rapunzel, que é salva pelo príncipe e tem o casamento como seu final feliz. No discurso reacionário essa marca da feminilidade também é acionada. No site da Escola de Princesas, por exemplo, se diz que “[...] o passo mais importante na vida de uma mulher, sem dúvida nenhuma, [é] o matrimônio” e que “[...] a ideia do felizes para sempre é o sonho de toda princesa”²².

No discurso reacionário, prescreve-se que o objetivo de vida das mulheres é casar-se com um homem, uma vez que são frágeis e dependentes deles. A ministra Damares Alves, novamente, aciona esse discurso ao defender que no casamento, a mulher deve ser submissa ao homem²³. A prescrição para a mulher propagada por esta fala é equivalente aos atos performativos produzidos para uma princesa dos contos de fadas tradicionais, tais como a Rapunzel. Ao resgatar as características de uma princesa clássica, vemos personagens que performam atos relacionados à busca pelo matrimônio. São donzelas

²⁰Informações extraídas da página do empreendimento. Disponível em: <<http://escoladeprincesas.net/ws/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

²¹A declaração da Ministra foi gravada em um culto evangélico e noticiada em portais como o Catraca Livre. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/dimenstein/damares-alves-feministas-nao-gostam-de-homens-porque-sao-feias/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

²²Excerto extraído da página do empreendimento. Disponível em: <<http://escoladeprincesas.net/ws/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

²³Declaração feita durante audiência pública em 16 de abril de 2019 e publicada pela revista. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/no-casamento-mulher-deve-ser-submissa-ao-homem-diz-damares-alves/>>. Acesso em: 22 jun. 2020

recatadas, dóceis, preparadas para o cuidado e administração do lar e sempre zelosas com a aparência.

A literatura infantil, no entanto, também pode atuar no sentido de contestar as normas produzidas pelo discurso reacionário e pelos contos de fadas tradicionais, disputando verdades com relação ao gênero. Assim, a seguir, analisamos dois contos de fadas contemporâneos que se constituem como artefatos que resistem a essas normas e que, assim, re-existem, pois criam outras performatividades. Essas narrativas fabricam, diferentemente das marcas produzidas pelo discurso reacionário e elencadas neste tópico, princesas caracterizadas pela liberdade e independência, coragem e contestação, além de despreocupação com os padrões de beleza.

5 OUTRAS PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO: re-existências a partir da criação de modos outros de ser princesa

Conforme já desenvolvido, a literatura infantil é entendida neste artigo como uma construção histórico-cultural, atravessada por diferentes discursos para cada tempo e contexto social. Caldeira e Paraíso (2018) destacam que a literatura infantil, desde a sua invenção, tem sido usada para ensinar comportamentos, mas que tem sido ativada, contemporaneamente, para trabalhar, entre outros temas, aqueles relacionados à diversidade e à diferença. Freitas (2014) destaca que a temática da diferença invadiu diversos campos e “[...] está inserida em um jogo sócio-político que se materializa também no discurso literário [...]” (FREITAS, 2014 p. 49). Para a autora, a “diferença passa a querer também dialogar com a literatura infantil, a protagonizar este lugar [...] (Loc. Cit.)” que produz verdades, normas, saberes e, conseqüentemente, performatividades.

Concentra-se aqui um dos efeitos de resistência à ofensiva antigênero. A literatura, inserida na disputa discursiva que fabrica o gênero, pode ser multiplicadora de modos de vida em diversas narrativas que se contrapõem às normas de gênero que compõem o discurso reacionário. Isso nos faz aprender novas formas de existência, já que “aprendemos, todos, em meio a (e com) essas disputas” (LOURO, 2018, p. 40). Nesse movimento de resistência, tem-se aumentado o número de publicações de livros que resultam das discussões e proposições das lutas dos movimentos feministas. Nessas histórias, é possível encontrar personagens que performam de maneira diferente da performatividade prescrita pelas normas estabelecidas, resistindo às lógicas binárias de gênero e produzindo modos outros de ser, apresentando-se como re-existência.

Assim, o mercado editorial já conta com inúmeras obras publicadas que incorporaram outras verdades quanto à temática das relações de gênero, atendendo às demandas do discurso multicultural. Nesta direção, as obras analisadas trazem elementos dos contos de fadas contemporâneos em perspectivas de recontos da história clássica “Rapunzel”. São obras que divulgam outros modos de ser princesa, à medida que apresentam contraposições às características da princesa fabricada no discurso reacionário e nos contos de fadas tradicionais.

É importante destacar que, como nosso objetivo é mostrar as resistências que emergem dessas histórias, por meio das princesas, não analisamos, nos limites deste artigo, a figura do príncipe. Já que todo artefato cultural produz significados múltiplos, os contos analisados não produzem apenas resistência, mas por vezes apresentam ditos que reforçam padrões de gênero, haja vista os personagens dos príncipes, que se apresentam sem muitas novidades em relação às normas prescritas para o masculino, reiterando masculinidades prevalentes. No entanto, optamos aqui por dar visibilidade apenas às resistências, já que compreendemos, inspiradas por Butler, que fazer circular ditos que contestam as normas é também uma forma de produzir outros significados para feminilidades e masculinidades, escapando das performatividades prescritas e fazendo existir outros modos de se performar o gênero.

Destacamos, assim, das narrativas selecionadas, a multiplicidade de modos de existência que elas fabricam que resistem às normas de gênero. Para essa análise elencamos duas categorias: (1) *modos outros de apresentar os comportamentos da personagem princesa* e (2) *pluralidade na caracterização dos corpos das personagens*. São categorias que surgiram a partir do olhar teórico-metodológico da análise do discurso que, primeiramente, analisa os discursos a partir da problematização do que está dito. Assim, compreendendo que está em circulação um discurso reacionário e modos de ser princesa com feminilidades específicas, analisamos as obras problematizando essas mesmas normas a partir do que é divulgado nelas, e, ainda, a partir do que está dito em relação ao que circula socialmente como norma.

Em segundo lugar, ao se compreender o discurso em sua produtividade, isto é, a partir daquilo que ele fabrica, foi possível identificar que em tais obras se produzem tanto *comportamentos*, quanto *caracterização dos corpos* das princesas de modo diferente do que predomina nos contos de fadas tradicionais. As duas categorias serão acionadas no desenvolvimento da análise a partir dos princípios que compõem o discurso multicultural.

Na obra *A pior princesa do mundo* (KEMP, 2019), Soninha, a princesa, calça tênis e se mostra despreocupada com seu vestuário. Rejeita a oferta de vestidos, e demonstra, ao longo da narrativa, grande interesse em viajar, ser livre, viver aventuras e se divertir. Já no início do conto fica evidenciada a *pluralidade na caracterização do corpo da personagem* ao vermos nas ilustrações uma performance que divulga um corpo desajeitado em meio a uma certa bagunça. Soninha apresenta-se segurando um brinquedo que se assemelha a um ioiô; com o corpo jogado em uma cadeira, com expressão de tédio; ou assentada em uma torre de livros que já leu. Essas imagens apresentam uma princesa com *modos outros de comportamentos*. Diferente das imagens de uma princesa tradicional, comumente apresentada e associada ao “[...] asseio, doçura, discricção, delicadeza, inteligência, fofura, meiguice, amabilidade [...]” (XAVIER FILHA, 2011, p. 594). Expressa “[...] princesas que não querem se casar; despenteadas, mal-educadas e bagunceiras, que trocam de vida com o dragão [...]” (ARGÜELLO, 2005, p. 93)

Assim, os ditos abaixo elencados concorrem com o que é prescrito pelo discurso reacionário e pelos contos tradicionais.

Figura 2: Corpo desajeitado em meio à bagunça



Fonte: KEMP, 2019, n. p.

É importante destacar que no início da história há elementos dos contos de fadas tradicionais ao mostrar Soninha à espera da vinda do príncipe para lhe oferecer uma vida feliz e completa. Ela acreditava que o príncipe poderia lhe oferecer novas aventuras, como se ele pudesse realizar a magia de efetivar seus desejos e a ele pertencesse a condução da sua vida. Para isso acontecer, ele precisava salvá-la da vida que, por ora, ela vivia. No

entanto, Soninha, ao contrário do prescrito, também apresenta outra performance após a chegada do príncipe. Ela toma a iniciativa de beijá-lo e de mostrar que está com pressa em partir.

Figura 3 - Princesa tradicional



Fonte: KEMP, 2019, n. p.

Figura 4 - Princesa contemporânea



Fonte: KEMP, 2019, n. p.

Na ilustração pode-se observar que o ato de tomar a iniciativa e demonstrar segurança na sua decisão causa espanto e estranheza por parte do príncipe. Essa cena sugere que a princesa desviou de uma performance que era esperada que ela realizasse. Aponta-nos que, ao ficar assustado com a atitude da princesa, o príncipe reage a um comportamento que não é costumeiro. Isso reforça a intenção da narrativa em destacar *modos outros de apresentar os comportamentos da personagem* na perspectiva de ilustrar uma princesa que age conforme seus desejos e motivações. Isso se evidencia também no excerto a seguir:

- Para onde me leva, meu amor?
- Ao meu castelo, minha flor. Pombinha linda, amada e preciosa. Vivemos os dois numa cobertura fabulosa.
- Mas, príncipe, eu quero sair por aí, fazer coisas divertidas e distrair.
- O que você aprendeu na escola de princesa? Eu uso armadura, você usa vestido. Escolha um: seu armário está sortido. Sorria muito, mantenha a rotina. Lutar com dragão não é coisa de menina (KEMP, 2019, n. p.).

Figura 5 - Escola de princesa



Fonte: KEMP, 2019, n. p.

Esses dizeres do príncipe estão em conformidade com as narrativas tradicionais dos contos de fadas. Reforçam a posição de sujeito homem que direciona a vida da princesa, seguindo um roteiro prescrito pelos contos tradicionais que também compõe o discurso da ofensiva antigênero. Nessa prescrição, os grupos reacionários destacam, por exemplo, a importância da conservação de um modelo de família nuclear e patriarcal em que o homem deve ser provedor e direcionar os rumos da vida da mulher. Prescreve-se a clássica “[...] hipervalorização da masculinidade como sendo a norma, na celebração da heteronormatividade e na marginalização de comportamentos e identidades *desviantes*” (ARGÜELLO, 2005, p. 116, grifos da autora). Sendo assim, na narrativa, o príncipe convoca a princesa a

assumir a sua posição de mulher passiva, dócil e sabedora daquilo que é da ordem de uma princesa realizar.

Contudo, Soninha, a princesa, não manifesta submissão ao príncipe, ela contesta a prescrição que lhe é colocada, de ocupar o espaço doméstico. Dessa forma, é questionada na narrativa a prescrição do território do privado para o feminino. Ao perceber que, para estar com o príncipe, Soninha teria que viver no castelo, escolhendo vestidos, sorrindo e mantendo a rotina, ela se recusa. A partir daí, sem medo, ela se une a um dragão para dar uma grande lição no príncipe e procurar novas aventuras.

- Princesa Soninha! Quanta revolta! O príncipe, todo emburrado, estava de volta. - Por que seu vestido está todo imundo? Você é a pior princesa do mundo. Aliás, Sônia, uma pergunta antes do fim. O que faz este dragão no meu jardim?

- Sou a pior princesa do mundo, de fato, meu cabelo precisa urgente de um trato. Ficou tudo destruído, mas eu não ligo, prefiro viajar com meu novo amigo (KEMP, 2019, n. p.).

Figura 6 - A princesa livre



Fonte: (KEMP, 2019)

É possível perceber aqui que os atos da princesa compõem um repertório desviante à norma generificada que produz performances prescritas para os corpos femininos. Na contramão da docilidade, Soninha apresenta coragem. Busca liberdade e rejeita viver somente no castelo. Esses elementos do roteiro apresentam *modos outros de comportamentos* para as crianças leitoras. Ao apresentar uma princesa que se preocupa com aventura, diversão e liberdade, o conto corrobora com a perspectiva de que “[...] qualquer identidade de gênero posta como verdadeira é ficção regulatória” (BUTLER, 2019, p. 225), já que evidencia que não existe apenas uma possibilidade de viver o gênero, mas que se pode performá-lo de diversas formas, contestando a prescrição heteronormativa. Os corpos femininos não possuem uma essência em suas constituições, já que essa essência não passa de uma invenção. Agir de maneira dócil, recatada e frágil não é natural. É também produto de “atos performáticos” no modo de se viver o roteiro de produção do gênero.

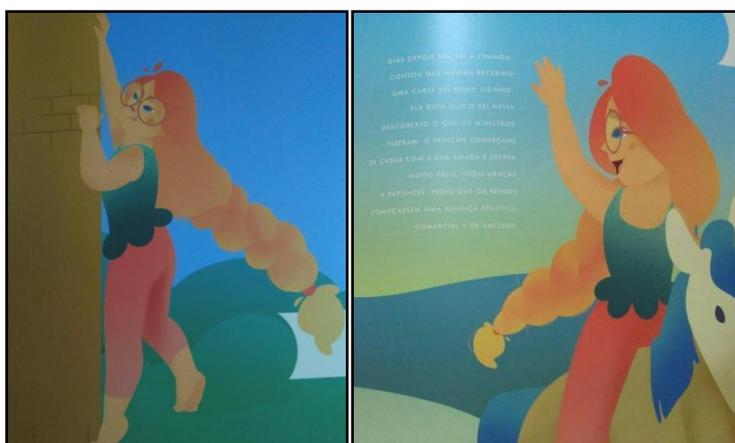
Na outra história analisada aqui, *A revolução da Rapunzel* (MACHADO, 2018), Rapunzel possuía uma rotina focada em aulas de etiqueta e era educada para um dia se tornar rainha. Mas o que ela queria mesmo era aprender como conseguir alcançar o alvo com precisão ao lançar uma flecha. O que ela gostava de fazer era andar a cavalo, escalar árvores, nadar em cachoeiras e não apenas aprender a segurar uma xícara de chá corretamente. Ela sempre questionava o fato de que se tivesse um irmão homem ele seria ensinado a lutar e a caçar e ela teve que aprender isso sozinha. O pior para ela era a “insistência de sua mãe para que prendesse os longos cabelos dourados com os penteados adequados” (MACHADO, 2018, n. p.). O argumento da rainha era de que todas as meninas do reino da idade da Rapunzel já se arrumavam e que dessa forma ela pareceria uma princesa de verdade. No entanto, a obra destaca que Rapunzel “não queria que suas roupas escondessem seu corpo forte, saudável e bonito” (MACHADO, 2018, n. p.) e que ela preferia não ter que ficar mais de uma hora produzindo penteados.

Figura 7 - Corpo adequado

Fonte: MACHADO, 2018, n. p.

Esses elementos da narrativa explicitam uma *pluralidade na caracterização do corpo da personagem* e ressaltam a importância de poder usufruir do corpo de maneira confortável, não se restringindo conforme a norma performática estabelecida para os corpos das meninas do reino. A princesa produzida nessa obra, ao invés de se preocupar com os padrões de beleza, prescritos pelo discurso reacionário e pelos contos tradicionais, apresenta outros modos de existência como princesa. Ela não quer gastar horas arrumando seu cabelo, prefere estar confortável. Assim, outros atos performáticos de gênero surgem em resistência à princesa produzida pelo discurso reacionário e pelos contos tradicionais.

A obra também divulga *modos outros de apresentar os comportamentos das/os personagens* ao colocar a princesa Rapunzel salvando um príncipe do reino vizinho que estava preso em uma enorme torre no meio da floresta. Isso mostra que a sua posição na narrativa não é aquela da princesa frágil que compõe o discurso reacionário, princesa que precisa ser protegida, resgatada, conforme se observa nas figuras e no trecho a seguir.

Figura 8 - A princesa heroína

Fonte: MACHADO, 2018, n. p.

A princesa escalou a torre. Foi mais difícil do que pensou, mas todos aqueles anos subindo em árvores e rochedos valeram a pena.

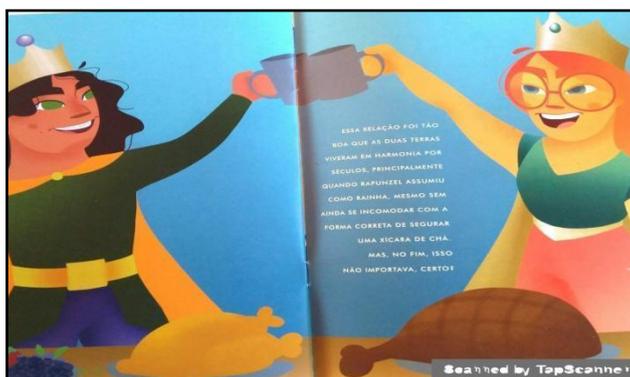
Rapunzel convidou o príncipe a subir em sua égua com ela e o levou de volta ao castelo [...] Depois, ela voltou para sua casa, feliz e realizada por ter salvo o príncipe (MACHADO, 2018, n. p.).

Na história, Rapunzel salva o príncipe, o que mostra a sua não fragilidade, mas sim coragem e força. A fabricação de uma personagem princesa em uma posição de heroína demonstra um deslocamento importante nos possíveis roteiros performáticos de gênero. Representa o que Butler (2019) denomina como contestações ao roteiro de que “[...] os corpos atribuídos de gênero atuam num espaço corporal culturalmente restrito e performam suas interpretações de acordo com as diretrizes existentes” (p. 223).

Essa Rapunzel é uma personagem que se constitui como resistência à fragilidade divulgada pelo discurso reacionário e pelos contos tradicionais prescritos como marca da feminilidade normal.

Após ter salvado o príncipe, Rapunzel se tornou amiga dele e conseguiu uma aliança política entre os reinos, sendo que o conto não cita o casamento da princesa. Assim, ela se constitui como alguém que não tem como objetivo de vida o matrimônio, conforme é prescrito pelo discurso reacionário e pelos contos tradicionais. O seu “felizes para sempre” não foi o casamento, mas sua realização na atuação política, já que ao final da história ela faz uma aliança política entre os reinos e se torna rainha, conforme podemos observar na imagem a seguir:

Figura 9 - Aliança política



Fonte: MACHADO, 2018, n.p.

Conforme desenvolvido, nos livros analisados foi possível perceber elementos de um currículo que pode se constituir como artefato de resistência e re-existência frente à ofensiva antigênero. O discurso multicultural, com a reivindicação de outras verdades, produz outros olhares, uma vez que “o poder da linguagem de atuar sobre os corpos é tanto causa da opressão sexual como caminho para ir além dela” (BUTLER, 2018, p. 202). E assim, os contos de fadas tradicionais, que roteirizam os corpos em padrões limitantes da generificação, podem ser recriados de modo a tornarem-se artefatos privilegiados para a problematização das relações de gênero no currículo praticado com crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos reacionários propagam ideias que amedrontam, intimidam e assustam as pessoas que atuam com crianças, demonstrando a perturbação que a discussão acerca de gênero tem causado em diversas instâncias. A literatura infantil, por sua vez, como currículo cultural que fabrica verdades, é acionada para ensinar performances normatizadas de gênero. No entanto, “outras possibilidades podem ser produzidas à medida que se promovam debates, diálogos e problematizações a respeito do que parece representar a única verdade” (XAVIER FILHA, 2011, p. 602). Sendo assim, os contos de fadas se mostram também como artefatos que podem fazer re-existir, inventar modos outros de se viver o gênero, uma vez que atuam como currículo, que é, “[...] entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero” (SILVA, 2005, p.97).

Ao pensarmos na complexidade da formação das crianças em um contexto social cada vez mais reacionário para se discutir gênero, torna-se urgente visibilizar pesquisas que discutam as relações de gênero e literatura infantil. Para Freitas (2018, p. 115) as narrativas produzidas para crianças não se qualificam “[...] só de encanto e diversão, elas também produzem sentidos sobre o mundo e as coisas do mundo; ensinam sobre [...] gênero; instituem normas [...]”. Sendo assim, os contos de fadas operam como um currículo que fabrica “atos performáticos” generificados na literatura infantil.

Foi nesse sentido que, no presente artigo, argumentamos que enquanto o discurso reacionário, acionado pela ofensiva antigênero, produz a figura da princesa conforme os contos tradicionais, prescrevendo modos autorizados de se performar o gênero; existem contos contemporâneos que, em contrapartida, resistem a essa prescrição, ao forjarem modos outros de ser princesa. Enquanto no

discurso reacionário divulga-se uma feminilidade a partir da figura da princesa que ocupa o espaço doméstico, é frágil, submissa ao marido e preocupada com a aparência; nos contos contemporâneos analisados o discurso multicultural é acionado para produzir outros modos de ser princesa e, assim, de performar o gênero. As princesas, neles, são corajosas, contestadoras, despreocupadas com a aparência e ocupam o espaço público.

É importante destacar, porém, que existem outros elementos encontrados nos contos contemporâneos, como nas histórias analisadas da Rapunzel, que não foram desenvolvidos aqui e que poderiam ser objeto de outros estudos. Nesses contos, não há apenas resistência e re-existência, mas também existe a reiteração de normas que são colocadas em circulação pelo discurso reacionário e pelos contos tradicionais. Os corpos das princesas dos contos analisados, por exemplo, ainda são caracterizados pela branquitude e, uma delas, pela magreza; a heterossexualidade é a norma que predomina nas histórias, e as performances dos príncipes persistem em anunciar certa liderança. Esses contos, mesmo qualificando-se como contemporâneos, não abandonam alguns alicerces das clássicas histórias com príncipes e princesas. Desse modo, fazem-se necessárias outras pesquisas que também se debrucem sobre os limites dos contos contemporâneos, no que diz respeito à contestação da norma; bem como sobre outros contos contemporâneos, contos cujas temáticas extrapolem a de princesas, algo importante na problematização da literatura infantil. Este estudo, a partir das bases teóricas adotadas, operou-se “[...] com o transitório e com o provisório, em especial no que diz respeito às diferentes crianças e suas infâncias, como também à produção das identidades de gênero femininas.” (BECK; GUIZZO, 2013, p. 173)

Reiteramos, no entanto, que aqui optamos por visibilizar as resistências encontradas nos contos analisados, exatamente por compreendermos, inspiradas em Butler, que, ao dizer das resistências, estamos colocando em circulação, também, outros modos de se performar o gênero. Ao centrarmos a análise nas possibilidades de re-existência, por meio das histórias, reafirmamos a importância de “resistir a toda essa ciranda que envolve currículo, gênero e poder” (PARAÍSO, 2016, p. 405) em prol de uma formação menos reacionária. Isso, já que “a resistência possui um potencial de crescimento, florescimento e transformação” tão necessários para “[...] impedir o controle dos currículos e o silenciamento das questões de gênero e sexualidade [...]” (PARAÍSO, 2016, p. 408).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Como identificar um reacionário. *Saiba Mais Agência de Reportagem*, [s. l.], 02 setembro 2018. Opinião, on-line. Disponível em: <<https://www.saibamais.jor.br/como-identificar-um-reacionario/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

ARGÜELLO, Zandra Elisa. Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil. 2005. 193 f. *Dissertação (Mestrado em Educação)* – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ASPIS, Renata. Minorias e Territórios: Ocupações. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 19, p. 63–74, jan./mar., 2017.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 53, [n. p.] 2018.

BECK, D. B.; GUIZZO, B. S. Estudos culturais e estudos de gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. *HOLOS*, ano 29, v. 4, p. 172-182, 2013.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de lei nº 2578*, de 2020. Determina que tanto o sexo biológico como as características sexuais primárias e cromossômicas definem o gênero do indivíduo no Brasil. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2252276&fichaAmigavel=nao>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-230

_____. Regulações de Gênero. *Cadernos pagu*, Campinas, v. 42, p. 249-274, [n. p.], 1º sem. 2014.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Dispositivos da infantilidade e da antecipação da alfabetização no currículo do 1º ano do ensino fundamental: conflitos, encontros, acordos e disputas na formação das crianças de seis anos. 2016. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, Daniela Amaral da Silva. Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da PBH: um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais? 2014. 280 f. Tese – (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

_____. Relações de gênero nos kits de literatura afro-brasileira distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte: razão e emoção para regular corpos na literatura infantil. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 115-137.

GIOVANNETTI, Carolina. Documentos curriculares em contexto de avanço reacionário: os silêncios das histórias das mulheres e as relações de gênero no Ensino Médio brasileiro. 2020. 209 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

GIROUX, Henri A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Alienígenas na sala de aula*. 11. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Coleção Estudos Culturais em Educação, p. 83-100.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia Política*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, set./dez., 2018.

JUVINO, Analice da Silva. A relação entre o conto de fadas tradicional e o moderno. 2010. 47 f. *Monografia* (Licenciatura em Letras) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2010.

KEMP, Anna. *A pior princesa do mundo*. Ilustrações de Sarah Ogilvie. Tradução de Marília Garcia. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico” In: _____; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43-53.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 4. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 7-42.

MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do movimento Escola Sem Partido e a Base Nacional Curricular Comum. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 139, p. 507-524, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v38n139/1678-4626-es-38-139-00507.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2020.

_____. Repolitizar o social e tomar de volta a liberdade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, e212010, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-46982018000100302&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 set. 2020.

MACHADO, Teca. *A revolução da Rapunzel*. Ilustrações de Lorena Giostrini. 1ª ed. São Paulo: Plan Internacional, 2018. Coleção A Revolução das princesas.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. *Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 07, n. 15, p. 590-621, 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez., 2016.

_____. Currículo e as contribuições dos Estudos Culturais. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 108-125, jan./fev., 2004.

_____. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: _____; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 23- 52.

_____. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: _____; MEYER, Dagmar Estermann (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-47.

_____. O currículo entre o que fizeram e o que queremos fazer de nós mesmos: efeitos das disputas entre conhecimentos e opiniões. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1414-1435, out./dez., 2019.

_____. *Pesquisas sobre Currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. 1ª ed. Curitiba: Editora CRV. 2010. 171p.

_____; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (orgs.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

PENNA, Fernando. O discurso reacionário de uma “escola sem partido”. In: GALLEGO, Esther Solano (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROSA, Rovená. [sem título]. 2017. Disponível em: <https://fotospublicas.com/protesto-contr-a-a-favor-de-filosofa-judith-butler-em-sp/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia + netnografia + análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: PARAÍSO, Marlucy Paraíso; MEYER, Dagmar Estermann (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 113-134.

_____. *Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil*. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SILVA, Ivanderson Pereira da. Em busca de significados para a expressão “ideologia de gênero”. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-30, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de ações de gênero nas narra gênero nas narrativas de crianças. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 19, n. 2, p. 591-603, maio-ago. 2011.

ISSN 1983-1579

Doi: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n3.54226

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Recebido em: 30/07/2020

Alterações recebidas em: 15/09/2020

Aceito em: 16/09/2020

Publicado em: 19/10/2020